



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24867

***Passiflora foetida* L., para os íntimos, maracujá do mato**

Cidade Satélite, zona sul de Natal, uma escola pública chamada Colégio Estadual Antônio Pinto de Medeiros. Bem estruturada, possui laboratório de Ciências e até a sala de ciências, a única onde os alunos saem de onde estiverem para irem encontrar a professora (Biologia/Ciências), é a única disciplina nessa escola onde o professor não se desloca de sala em sala, chique, tem que respeitar a ciência. Data shows sempre disponíveis, oferece uma estrutura bem bacana para o aluno e para o professor, bem estruturada no geral mesmo, se formos comparar com várias outras da nossa cidade. Ótima equipe pedagógica e de professores, que muda a cada horário, dependendo do turno, tanto que a escolhi por já conhecer a equipe, dado ao fato de que meus dois primeiros estágios foram realizados na mesma. Comodidade, viu? Dez minutos de uma caminhada matutina até a escola, enquanto analiso os tipos de plantas que acompanham meu trajeto, ainda com uma participação do sol para ativar um pouco de betacaroteno pois saúde vem em primeiro. O Antônio Pinto tem bastante verde, pátios (coberto e aberto), mesas com tabuleiros de xadrez pintados espalhados pelo terreno que serve de área comum, boa escola. Queria

ter tido tempo de sentar e jogar uma partida com alguém. É uma escola que possui um calendário no mínimo interessante: muitas atividades interdisciplinares, feiras de ciência, grêmios, festivais e sarais, dentre outras coisas. Gosto muito de lá, e dessa vez, encarei uma turma de ensino fundamental, mais precisamente, o 7º ano, e tive um relacionamento bom com a supervisora de campo, que gentilmente topou me ajudar nesse estágio para o ensino fundamental, que a inocente aqui não sonhava a loucura que seria.

Após os primeiros contatos para acertar os detalhes, ganho um limbo de quase um mês, graças ao calendário da escola, que entre meu período de observação e regência, tinha revisão, prova, reunião de pais, feriado, um monte de coisas que impossibilitaram minha regência ser no logo. Passado o limbo, chega a não tão temida regência. Confesso que aguardava esse dia, não o temia, mas a ansiedade se fez presente... não digo sempre, mas já faz um belo tempo que ser professora não me era mais uma má ideia, creio que estava lá, o desejo, mas nunca o alimentei, pois coloquei na cabeça que não queria ser mais uma professora na minha família (repleta de



Gláucia Lidiane da Silva

Me encontrei como professora dando aulas de espanhol, mas falta pouco para me darem um papel que me torna apta para lecionar ciências. Na Botânica, desde o primeiro semestre do curso, sou tipo a louca das plantas no bom sentido (elas são incríveis). Pode perguntar a Tango e White (meus cachorros) como isso de não gostar da Zoologia são só boatos... Também conhecida por rainha do maracujá, recuse qualquer imitação, é brincadeira, só Glau mesmo está ótimo.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

educadores), hoje, vejamos onde estou, a única quase bióloga. Para com o estágio em si, não tive expectativas, não sou de criá-las com afinco, prefiro ser surpreendida na maior parte do tempo: se der errado, ótimo pois não fantasiei nada, se der algo bom, ótimo também pois superava a neutralidade na qual me encontrava.

Se você me perguntasse há algum tempo em que pé andava a minha relação com os alunos, diria que não fazia ideia de como transformar essa relação em palavras, em vocalização, foi uma turma muito complexa em vários espectros. Uns por bem, outros por me desestabilizar. Eu não estava pronta para essa desestabilização, mas tive de lidar com ela. Com a missão de ministrar aulas de artrópodes, vermes e os vertebrados, temas que, particularmente, se pudesse optar por qualquer coisa com plantas, optaria, mas não pude dessa vez. Quando os vi pela primeira vez, o primeiro pensamento foi *“Meu Deus, o que vou fazer com essa turma? Como chamar a atenção deles para mim, que sou uma estranha insignificante?”*. Vários alunos me desejaram boa sorte para lidar com eles, pois são uma turma que gosta de conversar, o que fazer? Compilando com minhas outras experiências de ministração de aulas, nunca imaginei que teria vontade de sair correndo de um dos cantos que mais amo no mundo: a sala de aula. E tive. E isso me perturbou de uma forma, que não me reconheci durante as duas primeiras aulas, era como um robô depois de ter me sentido atacada e até desrespeitada por eles.

Estava lá, em pé, falando sobre bichos, mas isso não importa tanto, pois não é só sobre o assunto, é o que vem por trás dele: esforço, dedicação, preparação de aula, pensar em como fazer algo divertido e criativo. E sentia como se aquilo pouco significasse a maioria deles, foi uma sensação que não desejo que meus colegas sintam, nenhum professor merece senti-las. No decorrer das aulas, me dei uma segunda chance de voltar a ser eu, pois ser eu não tinha funcionado na primeira aula, e fui como alguém que inventa um bolo, testando as quantidades de açúcar até atingir um tom ideal para seu paladar, fui costurando, ajustando aqui e ali, até me encontrar, de fato. Isso se refletiu nas aulas, já na aula de peixes e anfíbios, notei uma mudança bem significativa, eles pareciam mais concentrados e interessados, mudei a metodologia e eles responderam bem a essa mudança, acredito que a resistência dos meus alunos a aulas mais dialogadas foi normal, afinal, eles estavam adaptados a aulas expositivas, como é o comum e na qual se enquadram milhares de escolas no nosso país. E fui interagindo, rindo, me divertindo, me reencontrando, e encontrando meus alunos no meio do caminho. Gostei desse encontro, não apagou a primeira impressão, mas me deu esperança de que o processo no qual eu me encontrava, de conhecê-los e eles me conhecerem, precisa ser, primeiramente: aceito, depois refletido, depois seguido. Existem processos na nossa vida que são como disciplinas pré-requisitos: precisamos passar por elas, de alguma forma, de qualquer jeito.

*“Fui interagindo,
rindo, me divertindo,
me reencontrando, e
encontrando meus
alunos”*

Como essa experiência, não deixei que ela manchasse minha paixão pela docência e passei a encarar meus alunos com mais empatia, menos controle e me dei a chance de ser mais flexível e não controladora comigo mesma, afinal, tinha me dado um tempo e só me deixei levar pelas ondas convexas desse mar. E, nesse meio tempo, voltei a me abrir, e eles se abrindo junto, e acabei me deparando com planetas distintos e mui peculiares, com suas particularidades, diversidades, problemas e soluções. Lidar com tantos planetas ao mesmo tempo? Quem sou para querer impor algo a mundos tão diferentes, mas tão iguais quanto o meu, ao mesmo tempo?

Acordar cedo foi meu principal desafio, como uma pessoa não diurna por eventualidades da vida e de compromissos, acordar cedo para ir ministrar aulas e observá-los era quase como tortura, mas como todo processo de adaptação, às vezes, precisamos nos permitir, eu me permiti e acabou fluindo.



Acordar cedo não parecia mais tanta tortura. Outro ponto: senti-me presa ao cronograma escolar, não me entenda mal, acho a escola ótima, mas fui confrontada diversas vezes por mudanças nos meus planejamentos por motivos da própria escola como feiras, eventos de última hora, coisas de chapas, outros professores pedindo meus horários para a professora supervisora, dentre outros. Algo que me incomodou deveras: essas mudanças repentinas no cronograma, muito barulho dos alunos, me sentia no meio do Alecrim (bairro popular da cidade do Natal) num dia de sábado, em que você mal consegue andar de tanta gente é tanto barulho. Esse estágio me exigiu coisas e atitudes, flexibilidades, na qual não imaginava que não estava pronta para enfrentar, mas tive de enfrentar de qualquer jeito, algo ia sair, para o bem e para o contrário.

Na minha mera visão, o ser professor é uma escolha, veja bem, escolhemos várias coisas na nossa vida todos os dias, desde amizades, casamentos, levantar da cama, jogar videogame, e cito uma: quando você não está num dia bom e, mesmo assim, é gentil com o próximo, você está escolhendo ser gentil, escolhendo não tomar a carga negativa para si e filtrando-a, para que não te contamine e que não contamine alguém que vem após você, e que não tem nada a ver. Você escolheu, assim como muitos professores, eu e você escolhemos amar o que fazemos, todos os dias, e é uma das coisas que, de fato, nos move. E eu espero, realmente, continuar escolhendo amar educar. Só um adendo ao fator escolha, também escolhemos o que fazemos com os resultados de um acontecimento na nossa vida.

Esse estágio para mim teve muita relação com perder o controle, com flexibilidade, *adaptação*, exatamente como a espécie citada no título deste texto, que tem altíssima capacidade de adaptação a maioria dos ambientes, e ela se adapta porque de alguma forma, o ambiente provocou essas mudanças, e essas mudanças não a mataram, ajudaram-na a viver e exponenciar a amostragem de suas espécies... esse período foi quase uma origem das espécies nível fundo de quintal, brincadeira.

Passei por uma montanha russa durante esses meses, altos e baixos, momentos muito bons e muito ruins, mas cabe a mim escolher o que fazer com eles, estancar, estagnar e me tornar uma professora amargurada sem esperança total, ou escolher pegar o que aconteceu de negativo e crescer, amadurecer, e o que aconteceu de bom e somar mais ainda, de maturidade, empatia, compreensão, flexibilidade, a deixar meu controle de lado e só curtir. Foi o que fiz, e após começar, o negócio andou. Pode não ter sido o meu estágio favorito, o mais fácil, o mais divertido, o mais empolgante, mas foi o mais desafiador com absoluta e convicta certeza, foi o que mais aprendi, foi o que mais me fez pensar, refletir, tentar entender meus alunos, sair da minha bolha, as coisas nem sempre acontecem do jeito que queremos e tudo bem. Tudo bem errar, tudo bem mudar, tudo bem se permitir, desistir até, dependendo. Se não nos permitirmos perder o controle um pouquinho, ou quase todo, ficamos tão concentrados no controlar toda e qualquer situação que deixamos a diversão, o prazer por ensinar, passar como um instante.

***“Tudo bem
errar, tudo
bem mudar,
tudo bem se
permitir”***

E eu quase deixei, passar, sabe? Foi por pouco, mas esse estágio pegou na minha mão e disse: - *“Vamos romper esse controle agora”*, sei que paramos o instante, juntos, deu tempo de segurá-lo. Tornei-o meu agora. E foi massa.

